



Submetido em: 01-09-2024

Aceito em: 19-02-2025

DOI: <https://doi.org/10.51359/2317-5427.2025.264103>

---

## “COMEÇO, MEIO E FIM”: NEXOS ENTRE PROSTITUIÇÃO E DOMESTICIDADE A PARTIR DO RELATO DE MARIA BERTILLA<sup>1</sup>

*“Beginning, middle and end...” links between prostitution and domesticity on Maria Bertilla's saying*

Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo<sup>2\*</sup>

### RESUMO

Este artigo é uma análise do relato de uma mulher prostituta residente na cidade de Teresina – PI. A partir deste relato o intento é explorar os possíveis nexos entre prostituição e a questão domesticidade. Na introdução geral é realizada uma discussão sobre alguns aspectos teóricos gerais acerca da prostituição. Ainda no primeiro tópico há uma exposição dos conceitos de domesticidade e a relação com o trabalho de cuidado. Em seguida, nos tópicos subsequentes é apresentada as três partes do relato de Maria Bertilla a partir da discussão teórica empreendida na primeira parte. Nas considerações argumento a partir do caso particular explorado neste artigo como o conceito de domesticidade é frutífero para explorar as nuances e contradições do trabalho prostitucional.

**Palavras-chave:** prostituição feminina; domesticidade; gênero; cuidado

### ABSTRACT

This article is an analysis of the account of a woman who works as a prostitute and resides in the city of Teresina – PI, Brazil. Based on this account, the aim is to explore the possible connections between prostitution and the issue of domesticity. In the general introduction, a discussion is presented on some general theoretical aspects of prostitution. Still in the first section, the concepts of domesticity and their relationship with care work are outlined. Subsequently, in the following sections, the three parts of Maria Bertilla's account are presented, based on the theoretical discussion undertaken in the first part. In the concluding remarks, I argue, based on the particular case explored in this article, how the concept of domesticity is fruitful for exploring the nuances and contradictions of sex work.

---

<sup>1</sup>Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada como pré-requisito para a conclusão da disciplina “Tópicos em Estudos de Gênero III: raça, gênero e domesticidade” no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (PPGCS-UNICAMP). Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Luiz Gustavo Freitas Rossi, docente responsável pela disciplina e aos colegas discentes Bruno Mariston Passos Barreto e Júlia Vargas Batista pelas contribuições dentro e fora da sala de aula.

<sup>2\*</sup> Universidade Estadual de Campinas. Antropólogo e professor de sociologia. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: [marcospaulomagalhaes25@gmail.com](mailto:marcospaulomagalhaes25@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6872-5399>.

**Keywords:** women prostitution; domesticity; gender; care

## 1. INTRODUÇÃO GERAL

**Maria Bertilla**<sup>3</sup> – Fiu fiu... Ei gato, não quer se divertir?

**Marcos Paulo** – Quero não (falei de forma mansa e passando o sentimento como quem estava lamentando por não ser possível).

**Maria Bertilla** – Já até sei o porquê. Mas é uma pena porque eu amo um gordinho.

**Marcos Paulo** – A gente pode não fazer programa..., mas podemos fazer outra coisa (expliquei a ela sobre a pesquisa e quem eu era e ela topou. Saímos de perto do grupo em que ela estava e sentamos na calçada para conversar). (Trecho do diário de campo em outubro de 2017)

O excerto acima é retirado do meu diário de campo. Trata-se da primeira interação que tive com uma das interlocutoras de pesquisa. À época, eu era graduando no curso de Licenciatura em Ciências Sociais e estava fazendo pesquisa de campo para a construção da monografia. Essa entrevista aconteceu durante a tarde, no entorno da Rua Paissandu, na região central de Teresina. Poucos anos depois, em 2020, eu retornaria ao mesmo local para fazer o trabalho de campo agora enquanto discente do curso de mestrado. Essa nova incursão terminou de forma abrupta em decorrência da crise sanitária de covid-19. Apesar das tentativas, não foi possível conduzir a pesquisa na modalidade remota. Assim, para confeccionar a dissertação, eu tive de retomar as entrevistas feitas no ano de 2017 junto aos três meses de campo em 2020. Foi nesse contexto e através de uma outra leitura das entrevistas transcritas que revivi as cenas iniciais do meu encontro com a então garota de programa.

Maria Bertilla, no momento da pesquisa de campo, era uma prostituta que trabalhava no período diurno *batendo pista*, ou seja, trabalhando diretamente nas ruas sem estar vinculada a um bordel. Ainda nos dez primeiros minutos da conversa, quando estava sendo perguntada sobre sua família, Maria Bertilla fala de seu segundo casamento e exclama: ‘você sabe, toda patricinha adora um bandido!’<sup>4</sup>

O enlace conjugal a que Maria Bertilla constantemente se refere é uma união estável com um rapaz. Seu relato aponta que a relação entre ambos foi permeada por nuances de instabilidade. No momento em que houve a conversa com Maria Bertilla, ela estava com vinte e sete anos. Tal união com esse ‘bandido’ constitui uma parte substancial e considerável do que Maria Bertilla

---

<sup>3</sup> Todos os nomes de interlocutores são fictícios.

<sup>4</sup> As categorias êmicas serão grafadas em itálico. Já as falas das interlocutoras serão grafadas em aspas simples.

relatou. Inclusive, foi no decorrer dessa união, que Maria Bertilla passou a realizar o trabalho sexual e adentrou o universo da prostituição.

Todavia, antes de adentrar nos meandros de sua história, é preciso fazer algumas ponderações. Inicialmente, vejamos como o dicionário Michaelis define “prostituição” e “prostituta”:

**prostituição<sup>5</sup>**

**pros·ti·tu·i·ção**

sf

1 Ato ou efeito de prostituir ou prostituir-se.

2 Atividade, envolvendo homens e mulheres, que consiste em manter relações sexuais com um número indeterminado de indivíduos [de maneira habitual], em troca de pagamento.

3 Exploração de prostitutos e prostitutas.

4 O conjunto de pessoas envolvidas nessas atividades.

5 POR EXT Vida devassa e marcada pela falta de escrúpulos; libertinagem, licenciosidade.

6 Ato de envolver-se na realização de algo vil e imoral; degradação, desonra.

**prostituta<sup>6</sup>**

**pros·ti·tu·ta**

sf

Mulher que faz sexo por dinheiro; andorinha, caborje, calhandreira, dama, dama da noite, loba, meretriz, quenga, rameira, rascoa, rascoeira, rapariga, ratuína, reboque, rongó, solteira, tapada, tolerada, transviada, vaqueta, vulgívaga, zabaneira.

O uso dos termos aponta para diferentes significados atribuídos ao fenômeno da prostituição e à prostituta. Os verbetes supracitados estão longe de abarcar essa complexidade, assim observa-se concepções conflitantes instaurado pelos termos prostituição. Conforme será possível observar no relato de Maria Bertilla, a própria concepção de prostituição não é de forma alguma estanque. Essa é uma característica que marca não apenas este trabalho. Outras etnografias em circuitos prostitucionais, como as pesquisas de Elisiane Pasini (2000; 2005); José Miguel Nieto Olivar (2011); José Miguel Nieto Olivar e Loreley Garcia (2017); Adriana Piscitelli (2008; 2016), e, em minhas pesquisas anteriores (Figueiredo, 2021; 2024).

Retomando o verbete do dicionário que define a prostituta como “Mulher que faz sexo por dinheiro” intenta-se em apresentar um aspecto caro a prostituição: a variedade de palavras usadas para definir uma pessoa que esteja inserida no trabalho prostitucional. Tal aspecto revela um caráter ambíguo quanto ao fenômeno da prostituição: o uso de toda sorte de palavras para definir a

---

<sup>5</sup> Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=dN1b7>

<sup>6</sup> Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=prostituta>

prostituta revela a complexidade da prostituição enquanto fenômeno social, só que, por outro lado, o uso razoavelmente comum desses termos tende a qualificar todo intercâmbio sexual como prostituição. Sem o devido cuidado analítico, é possível que o uso de várias palavras - indicativo da complexidade da prostituição - acabe por homogeneizar um objeto composto por muitas arestas.

Um primeiro movimento necessário é conceituar o que seria o “mercado do sexo” (Piscitelli, 2005) e “economias sexuais” (Piscitelli, 2016). A prostituição é dentre um dos vários serviços que compõem o mercado do sexo. O ponto é que a nomenclatura “prostituta” tende por aglutinar todas as modalidades do trabalho sexual existentes. Serviços sexuais como aqueles ofertados por *Cam-girls*, dançarinas de *strip-tease* e atrizes pornô são alguns dos trabalhos sexuais que tendem a serem confundidos e classificados de forma taxativa como prostituição.

Uma transposição do termo prostituição para o mercado do sexo ainda mais perniciosa é a equivalência da “prostituição” ao “tráfico sexual” e “exploração sexual”. Aparecida Moraes (2011) aponta para uma distinção frutífera para solucionar a confusão supracitada: trata-se da distinção entre “corpos prostituídos” e de “corpos inseridos na prostituição”, existente em organizações e instituições promotoras da efetivação dos direitos humanos. O chamado “corpo prostituído” é aquele corpo que está em situação de exploração econômica e/ou social. Basicamente, é quando a maior parte dos rendimentos obtidos por uma prostituta é cooptado por outrem. O “corpo inserido na prostituição”, por sua vez, é quando uma pessoa adulta - ou seja, maior de dezoito anos - que esteja na prostituição detém autonomia e uma parte considerável dos ganhos obtidos com o trabalho sexual.

Assim, a conceituação de “mercado do sexo” é proveitosa para explorar as nuances existentes no trabalho sexual. Só que para Adriana Piscitelli (2016), o próprio conceito de “mercado do sexo” atingiu um limite teórico conceitual:

(...) a noção de economias sexuais oferece uma perspectiva fértil para considerar o conjunto de intercâmbios econômicos e sexuais, uma vez que, longe de fazer uma separação entre mercados do sexo e do casamento, permite explorar como essas trocas articulam ambos os mercados (...) Assim, a ideia de economias sexuais como parte das economias cotidianas contribui para pensar nos relacionamentos contemplados nas diversas etnografias sobre intercâmbios econômicos e sexuais realizadas no Brasil, incluindo aqueles que conduzem ao casamento. (Piscitelli, 2016, p. 12)

O intermédio da conceituação de economias sexuais permite investigar como os diferentes intercâmbios sexuais são operacionalizados. Não se trata, obviamente, de reproduzir um argumento que reside em um reducionismo econômico. Pelo contrário, tal concepção permite com que as

noções existentes nos intercâmbios sexuais sejam alargadas e melhor compreendidas.

Para além das construções de cunho pejorativo sob o termo, observa-se uma coexistência com sentidos ligados às questões trabalhistas, sobretudo, ao trabalho de cuidado. As fronteiras do afeto e do dinheiro são imiscuídas no trabalho de cuidado, fazendo com que certas complexidades próprias ao fenômeno, por vezes, sejam eclipsadas. Essa contaminação afetiva do trabalho de cuidado feito por outrem faz com que as pessoas lancem mão de ações com vistas ao controle da situação. A literatura nas Ciências Sociais acerca do trabalho de cuidado remunerado exercido por babás e empregadas domésticas ilustra alguns exemplos. A inserção dessas trabalhadoras nos lares brasileiros é permeada por ambiguidade. Terceirizar o trabalho de cuidado para outrem de fora da família por vezes é tido como essencial no esforço de gerir uma casa (Kofes, 2000; Cunha, 2007; Silva & Blanchette, 2017), só que, ocasionalmente, a presença das pessoas que realizam tal trabalho desperta uma constante desconfiança por parte dos contratantes (Côrrea, 2007; Brites, 2007; Vargas, 2023). Historicamente, houve – e ainda há –, todo um investimento em códigos de conduta e moralidade por parte de contratantes com vias de garantir sua proteção. Todavia, o que explica a necessidade de proteção? Se proteger exatamente do que? É impossível responder essa pergunta com apenas uma resposta, mas, é frutífero resgatar alguns exemplos a partir de uma figura com forte presença nos lares brasileiros das camadas mais abastadas: a babá. Lélia González (2020a) e Mariza Côrrea (2007), são autoras que destacam a importância de um olhar minucioso para essas outras mulheres que exercem o trabalho de cuidado infantil.

González (2020, 2020a), relembra como o trabalho – seja aquele das lavouras ou na casa – realizado por pessoas negras escravizadas são praticamente fundantes da tessitura econômica e social brasileira. Para Gonzalez (2020a) tal aspecto fundacional ocorre especialmente através da figura da “mãe preta”, aquela responsável por nutrir, limpar e embalar as crianças brancas da elite. É justamente por meio do trabalho de cuidado que a “mãe preta” impregnou o Brasil com a cultura africana. Gonzalez (2020a) aponta como a “mãe preta” deu uma “rasteira” nas elites brancas e propõe que, essa mesma “mãe preta” é a fundadora, “a mãe nesse barato doido da cultura brasileira (Gonzalez, 2020a, p. 87)”. Assim como González (2020a), Côrrea (2007) também apregoa como a figura quase esquecida das babás merece uma maior atenção dos estudos acadêmicos. O substrato para o artigo da autora são as memórias de escritores e intelectuais famosos – notadamente Freud – sobre as babás de sua infância. Sinteticamente falando, a babá é representada como uma mulher ora terna e carinhosa, ora violenta e punitiva, mas, de toda forma, a sua presença tida como necessária também é fonte de perigo:

Isto é, que aqui, como na Europa, a babá/criada era uma figura fundamental na manutenção da família. Tanto aqui, como lá, ela era também estigmatizada – a ênfase aqui sendo na possibilidade de transmissão de doenças, mais do que na transmissão de maus costumes, mas, nos dois casos, era de sua pobreza que adivinha o perigo para as famílias. Também aqui as babás/criadas eram, às vezes, objeto do desejo dos patrões – mas nunca se menciona a possibilidade de sedução de crianças. É como se, no caso brasileiro, a cor fosse uma espécie de véu que cobria a pobreza – perenemente invocada pelos reformadores sociais, seja no seu ataque aos cortiços, seja no ataque aos “miasmas” que provinham dos lugares habitados pelos pobres e ameaçavam os lares nos quais esses pobres (essas pobres, de início escravas) se infiltravam (Côrrea, 2007, p.79).

É possível inferir que para as camadas mais abastadas a babá, assim como outras mulheres que exercem o trabalho de cuidado remunerado, é uma figura dúbia e ambígua (Côrrea, 2007). Tais mulheres encontram-se em um perigoso limiar. Afinal, elas estão dentro das casas e possuem acesso aos espaços ímpares para a manutenção doméstica (McClintock, 2010). É justamente a dificuldade de cindir trabalho remunerado de trabalho afetivo que gera a eliminação dessas mulheres. Aqui, é válido remontar Mary Douglas (2014) sobre o aspecto incerto daquilo que está em um estado transitório de uma coisa a outra é fonte de perigo. Um dos artificios usados por Douglas (2014) para construir seu argumento é a imagem da textura viscosa. A viscosidade é intermediária entre o sólido e o líquido que gera um desalinho sensorial. É tão prazeroso e satisfatório quanto pode impregnar e causar transtornos. É em decorrência dessa “viscosidade”, por assim dizer, que não apenas as babás, mas as empregadas domésticas, governantas e outras mulheres que trabalham com o cuidado são tidas como fonte de perigo e contaminação.

Assim como em outras profissões ligadas ao cuidado, na prostituição também existe o perigo oriundo do contato entre afeto e dinheiro. Claro, acrescido de um agravante, o uso não velado da sexualidade. Diferente do fetichismo que circunda as empregadas domésticas e as babás, a prostituta é claramente procurada em decorrência do intercâmbio sexual. Só que o sexo não é o único serviço comercializado. Em minha etnografia (Figueiredo, 2021), por exemplo, algumas mulheres prostitutas afirmavam que *puta* era um pouco de psicóloga, de acompanhante e de conselheira. Era recorrente, por exemplo, clientes que apenas buscavam uma companhia para beber uma cerveja ou para conversar e desabafar. Para além de *puta psicóloga* haviam pessoas que procuravam a faceta pedagógica da prostituição:

Na tarde em que eu passei na boate Vênus, foi possível participar de uma dessas rodas de conversa. Elas falavam de uma mãe que provavelmente voltaria com seu filho para o bordel à noite. Já era a terceira vez que a mãe levava seu filho de dezessete anos no bordel para aprender a fazer sexo, já

que, na primeira, ele, em tese, teria perdido o cabaço. Pela fala das garotas, a mãe parecia ter uma preocupação muito séria com a timidez de seu filho neste aspecto. A mãe sempre conversava com as garotas e com o dono do bordel, tanto que as garotas sabiam que o menino era órfão de pai. O que gerava certo espanto nelas era que a mãe era psicóloga e estava levando o filho ao bordel. (...) Uma garota contou que, na primeira tentativa de descabaçar o menino, ela teve que ensiná-lo até a colocar o preservativo. Depois de colocar, ela retirou o preservativo e o mandou colocar outro, pois ele tinha que aprender a colocar. (Figueiredo, 2021, p.110)

Este relato acima exemplifica bem o clichê que ainda persiste do caráter pedagógico da prostituta. Claro, não era comum ver mães levando seus filhos para perder a timidez, geralmente o rapaz prestes a ser *descabaçado* era acompanhado de outros rapazes. É possível inferir a partir de Engels (2019) e Roberts (1992) que o clichê está imbricado com um dos papéis históricos que impuseram em mulheres prostitutas nas sociedades capitalistas de matriz euro-americana<sup>7</sup>: ser uma mulher com quem os homens pudessem vivenciar seus impulsos sexuais sem manchar a honra e candura das moças de família. É possível inferir que a divisão que qualifica as mulheres como dignas para casamento e constituição de família e *putas* – sejam elas trabalhadoras sexuais ou não – tenha germinado da imposição destacada acima. A necessidade de distinguir as moças de família das prostitutas fez pulular todo um repertório de perfumes, gestos, palavras e comportamentos a serem evitados (Rago, 2008; Cardoso, 2016).

A existência de códigos de conduta, a delicada fronteira de afeto e dinheiro e as dificuldades de regulamentação laboral demonstram similaridades entre o trabalho de cuidado e o trabalho sexual. De forma concisa e imediata, o trabalho de cuidado pode ser definido como aquele conexo à administração doméstica, ao cozer, limpeza e aos aspectos emocionais, ou seja, ao fomento do bem estar das pessoas (Madalozzo; Blofield, 2007; Bruschini; Ricoldi, 2009). Destarte, o trabalho de cuidado é especialmente importante no manejo da vida cotidiana. Para que o esquema de ciclo vital, mesmo como aquele idealizado por Meyer Fortes (2011) em três fases - (i)expansão; (ii)dispersão ou cisão; (iii)substituição - de um determinado grupo doméstico seja consolidado um grande investimento do trabalho de cuidado é requerido. Mol, Moser e Pols (2023); Tronto (1998) pensam o trabalho de cuidado para além daquele exercido nas tarefas domésticas. Em certa consonância, ambas as autoras apontam como uma ética e lógica do cuidar e do cuidado reaparecem em outros âmbitos.

---

<sup>7</sup> O uso da nomenclatura “euro-americano” é tomado de empréstimo do estudo de David Schneider (2016) acerca do parentesco ocidental. O uso do termo no decorrer do artigo não implica uma transposição automática do conceito de Schneider, visto que o contexto brasileiro possui especificidades frente ao contexto estadunidense estudado pelo autor. O empréstimo do termo serve para situar que estamos nos referindo a um tecido social cuja formação tem como base uma gramática cultural europeia imposta através da colonização.

O formato no qual se dá o trabalho de cuidado está longe de ser uniforme. O trabalho de cuidado pode ser realizado de forma mercantilizada em que uma pessoa, ou família, contrata os serviços de outrem para a execução do cuidado. Outra faceta, assim como raça, é especialmente presente no contexto brasileiro. Trata-se de quando o trabalho de cuidado é formatado por um forte viés geracional. Nesses contextos, o trabalho de cuidado é fortemente atrelado ao cumprimento de expectativas morais existentes. Não é incomum que nesses casos o trabalho de cuidado seja passível de ser tido como algo que seja uma “obrigação” ou então uma “ajuda” (Guimarães, 2024). Tal aspecto de “obrigação” é perceptível principalmente em famílias multigeracionais. Como por exemplo uma avó que cuida dos netos ou quando uma filha, já no início da senioridade, tem de cuidar de uma pessoa ainda mais idosa (Marcondes, 2017). Apesar de alguns avanços quanto a uma equidade na divisão do trabalho de cuidado não remunerado, as mulheres ainda dedicam maior quantidade de tempo e esforço nas tarefas domésticas (Garcia & Marcondes, 2022). Em famílias abastadas economicamente tais serviços são terceirizados e passíveis de serem segmentados. Isso, claro, quando todos estes trabalhos não são executados por uma única pessoa.

O imaginário social construído sobre o cuidado é fortemente generificado e racializado. A partir da teoria sociológica de Raewyn Connell (2014) entende-se que tais práticas de cuidado são produzidas em uma estrutura social fortemente marcada pelo gênero. Para a socióloga australiana, a estrutura social de gênero seria produzida de forma relacional. Já no tocante à racialidade, observa que a perspectiva de construção do lugar de negritude trazida por Frantz Fanon (2018) também é relacional, em *Peles Negras e Máscaras Brancas*. Tratam-se de relações complexas, em que as pessoas fabricam e corporificam seu próprio gênero e/ou raça. Todavia, não o fazem de forma completamente livre. Os signos que as pessoas escolhem para corporificar são oriundos de uma estrutura social já qualificadora dos atributos de gênero e/ou raça. Ou seja, os signos que as pessoas escolhem corporificar já são generificados e racializados. O caráter relacional na obra dos autores é evidenciado ao destacar que tal estrutura não surge num vácuo histórico temporal. A própria estrutura social também é produzida pelas pessoas.

Sobre o processo de generificação que marca a manutenção doméstica, é válido resgatar um apontamento de Suely Kofes (2001):

O fazer funcionar a organização doméstica em nossa sociedade, é ainda uma atribuição feminina. Mas, esta atribuição compartilhada pelas mulheres (do ponto de vista da expectativa) é também historicamente vivenciada por muitas delas como exercício de um trabalho em duas diferentes representações e realizações, a assalariada incluída (Kofes, 2001. p. 85).

No caso brasileiro, em uma sociedade colonial e com profundas cicatrizes escravocratas, as práticas de cuidado ganham toda uma coloração especial. Em famílias de grupos mais empobrecidos uma parcela considerável do cuidado recai sobre os braços das mulheres, ou outras pessoas que passam por um processo de feminização. Já nas camadas mais abastadas, esse trabalho de cuidado é terceirizado, em que a responsabilidade recai sobre outrem.

O trabalho de cuidado é especialmente importante para garantir a reprodução social do ciclo vital das famílias (Fortes, 2011; Engels, 2019). Essa importância demandou o fomento de normas e códigos de conduta. Para Anne McClintock (2010), tais neuroses são sintomáticas por revelarem a ambiguidade de figuras que estejam inseridas numa liminaridade. As mulheres responsáveis pelo cuidado são exemplares neste sentido: estão no limiar entre a separação idealizada de casa e rua. Por serem essenciais para a reprodução social, o trabalho feito de cuidado feito por mulheres precisa ser controlado de perto. É a importância desse trabalho que gera a relação entre o medo de rebelião dessas pessoas e a necessidade de circunscrever regras e condutas para sua atuação. Outro movimento teórico de suma importância feito por McClintock (2010) é o esforço analítico que mescla a psicanálise com a economia política. Isso permite uma análise em que a vida pública está fortemente imbricada com intimidade. A autora não fica refém de uma abordagem dicotômica, e percebe como diferentes categorias são articuladas na produção da realidade social. A lógica de uma domesticidade não se faz presente apenas na casa e na vida íntima das pessoas, mas está em relação com a produção de uma estrutura social mais ampla.

O uso da categoria domesticidade propicia uma articulação que seja interseccional e em múltiplas escalas. É a partir deste movimento, que almejamos um olhar para a prostituição feminina tomando de empréstimo a noção de domesticidade. O principal material empírico de análise é a narrativa de vida de uma garota de programa residente de Teresina, capital piauiense. O que busco fazer nesse artigo é demonstrar como o uso analítico do conceito de “domesticidade” tensiona e complexifica diferentes nuances do fenômeno da prostituição.

Este texto toma de empréstimo algumas inspirações epistemológicas. A primeira é o esforço de um olhar etnológico para o relato de Maria Bertilla. A proposta é realizar um movimento analítico inspirado na teoria antropológica de Roy Wagner (2017) em que o antropólogo produz uma “invenção” a partir daquilo que foi contado. É válido frisar que “invenção” para Wagner é compreendida como o esforço de tornar a cultura visível através do choque cultural entre o antropólogo e interlocutor. Tal choque cultural ocorre por meio de uma dialética composta apenas por tese e antítese, sem síntese. Assim “(...) o que o pesquisador de campo inventa, portanto, é seu

próprio entendimento: as analogias que ele cria são extensões das suas próprias noções e daquelas de sua cultura, transformadas por suas experiências da situação de campo (Wagner, 2017, p. 38)”.

Outro ponto de inspiração para a construção deste artigo é o capítulo do livro *Caetana diz não: o patriarcado perturbado* de Sandra Graham (2005). Trata-se não apenas de uma importante referência teórica para o artigo, mas também, de inspiração para a construção narrativa do texto. Ao se deparar com as possibilidades de agência de uma mulher negra escravizada no Brasil Colônia, Sandra Graham (2005) acaba desenhando os possíveis cenários explicativos do evento que ela se dispôs a estudar. Sandra Graham (2005) precisou recontar a história de Caetana através dos documentos jurídicos da época. No caso deste artigo, reconto a história de Maria Bertilla através de um relato oriundo de uma entrevista semiestruturada com nuances de uma conversa entre duas pessoas que, num contexto de pesquisa acadêmica, ocasionalmente se encontraram no centro da cidade e começaram a conversar. Assim, o esforço inventivo é remontar o que Maria Bertilla relatou à luz das teorias supracitadas no decorrer desta introdução.

Para além desta introdução geral – em que apresento os principais marcos teóricos e epistemológicos - e das considerações finais, optei em dividir o relato de Maria Bertilla em três partes denominadas de “Começo”, “Meio” e “Fim”. Esta é uma decisão que parte tanto de uma escolha narrativa minha, quanto da forma como a própria Maria Bertilla organiza e finaliza sua fala:

**Maria Bertilla:** Acho que não, te contei tudo. Eu te contei começo, meio e fim. É basicamente isso, não tem mistério, é isso...

## 2. COMEÇO

**Marcos Paulo:** Agora são as perguntas que são mais abertas e agora eu quero que você fale mesmo... quero que você me conte sua vida todinha se possível (falei dando um sorriso de leve e em tom jocoso)

**Maria Bertilla:** Tá, eu conto.

Maria Bertilla se auto identifica como uma mulher parda e bissexual. Residia em Teresina já fazia três anos. Ela tinha vinte e sete anos no momento em que conversamos. Ela é mãe de uma criança fruto de sua relação com um namorado da adolescência. Diferente de outras mulheres que trabalhavam no entorno da Rua Paissandu, Maria Bertilla é oriunda de uma família de classe média alta. Ela é natural da Região Metropolitana da Grande São Luís. Sua mãe, no momento da pesquisa,

possuía um negócio próprio já estabelecido e de sucesso. O pai, por sua vez, era um profissional altamente escolarizado residente em um grande centro urbano do sudeste brasileiro.

Como dito anteriormente, a conversa com Maria Bertilla aconteceu nas ruas do centro de Teresina. A região denominada como ‘entorno da Rua Paissandu’ é uma das mais tradicionais zonas do meretrício da capital piauiense. Por boa parte das décadas do século XX, boa parte das casas de prostituição de Teresina se localizava na Rua Paissandu. Sem grande surpresa, tal região era próxima de um porto fluvial existente na cidade. A vinculação entre prostituição e o entorno da Paissandu eram tão fortes que nos idos da década 1930 a 1970 que se dizia que quando uma moça virava prostituta, ela ‘descia a Paissandu’<sup>8</sup>.

Curiosamente, pude encontrar Maria Bertilla enquanto eu mesmo ficava descendo e subindo as ruas do entorno da Paissandu. Eu já havia começado a pesquisa de campo e já havia aprendido algumas coisas importantes de como conviver naquele espaço. Dentre esses aprendizados dois merecem destaque: 1) o sol de Teresina é escaldante, assim sempre devia fazer o uso protetor solar. Algo que a própria Maria Bertilla me ensinou era também recorrer ao hidratante para não *craquelar a pele*; 2) sempre ir da forma que mais aludia ao estereotipo de homossexualidade possível. Nesse dia em específico eu, um homem gay cisgênero branco, estava usando apenas um colete e uma calça jeans. Algo que de forma levemente caricata e proposital remonta um membro da banda estadunidense *Village People*. Há todo momento, os marcadores sociais que me constituíam enquanto pessoa entravam em contraste com os marcadores sociais das interlocutoras que em sua maioria eram mulheres negras ou pardas nordestinas – sobretudo maranhenses – e nortistas – em sua maioria paraenses<sup>9</sup>.

A abordagem inicial de Maria Bertilla em me oferecer um programa não durou muito tempo. Ela logo percebera minha homossexualidade, assim como outras pessoas do entorno da Paissandu. Ao contrário de outras mulheres que por vezes afirmavam fazer programas com homens gays e me ofereciam um programa, Maria Bertilla não insistiu na ideia.

Tomamos a decisão de ir conversar ali mesmo na rua. Sentamos no passeio em frente a um prédio abandonado. Quando lhe perguntei se tinha filhos ela respondeu que era mãe de uma criança cujo genitor era um ex-detento. Nesse momento ela falou baixo, quase em tom de cochicho, que era uma *patricinha mesmo*. Na adolescência, aos dezessete anos, Maria Bertilla parecia cumprir tudo

---

<sup>8</sup> Para uma análise histórica de maior fôlego acerca do entorno da Paissandu e dos códigos morais existentes em décadas passadas em Teresina ver: Sá Filho (2006) e Cardoso (2016).

<sup>9</sup> Para um debate mais aprofundado sobre a articulação dos marcadores sociais da diferença no decorrer da pesquisa de campo ver Figueiredo (2021).

aquilo que era esperado de uma menina pertencente a uma típica família de classe média brasileira. Ela fazia curso de língua estrangeira, estudava em um colégio público de prestígio e podia se dedicar quase que integralmente aos estudos.

A ruptura com a família veio quando Maria Bertilla ainda adolescente decidiu se enamorar com um ex-detento de quem acabou engravidando. Todavia, foi o segundo casamento que parece ter deixado marcas mais profundas em sua vida. Boa parte do relato de Maria Bertilla circunda esse rapaz. Novamente, o homem ao qual ela chama de marido era um ex-detento. Ela me fala de forma jocosa e permeada de um certo tom de obviedade que *toda patricinha adora um vagabundo*.

É impossível não notar um certo fetichismo de classe nessa fala. Ela não descreve os detalhes físicos de seu ex-marido. Logo, o contraste mais evidente entre ambos era o de classe. Afinal, ela mesma se dizia uma jovem que *tinha tudo* e que decidiu largar boa parte desse *tudo* por um *vagabundo*. Claro, é necessário inferir que a própria Maria Bertilla parece não enxergar um fetichismo existente na relação. A forma como ela parece elaborar essa espécie de fetichismo é mais simples, porém, não menos complexa e arriscada. Ela aparenta ter fugido por amor.

**Maria Bertilla:** Eu fui viver com esse homem assim e aí a história se desenrola. Devido a esse homem (...) E brigada com meus pais devido a esse homem porque ele era um ex-presidiário. Entendeu? (...) Queria viver com ele independentemente de qualquer circunstância, de dinheiro, de qualquer coisa. Aí eu saí da minha cidade com ele, as passagens e a roupa. E fui embora viver no meio do mundo com ele.

Não que romance e fetiche sejam indissociáveis. A análise de McClintock (2010) sobre a peculiar relação amorosa entre Arthur Munby e Hanna Cullwick nos mostra, inclusive, o contrário. É que no relato de Maria Bertilla o que parece ter sido força propulsora para tamanha transgressão foi o sentimento pelo rapaz. Ao mesmo tempo, não se pode ignorar a dimensão fortemente sexualizada expressa pela afirmação de um tesão supostamente natural que *patricinhas* nutrem por *vagabundos*.

Essa é uma das tensões existentes no relato de Maria Bertilla. Inicialmente, ela parecia ter uma vida idealmente perfeita e que correspondia aos anseios de um ideário de classe média. Segundo a própria Maria Bertilla, por escolha própria, ela decide fugir com um rapaz que estava longe de corresponder a qualquer expectativa de seus pais quanto a um casamento salutar. Após decidir fugir com esse rapaz, ambos unem esforços para construir uma vida de *família de margarina*. Aqui podemos perceber uma ambiguidade. Ela primeiro rompe com uma família pretensamente estruturada para se casar com um rapaz tido como um *vagabundo* para que ambos pudessem, novamente, formar um ideário de vida estruturada tão típico das classes médias.

É quase como se Maria Bertilla tentasse amenizar os possíveis danos de uma relação que imiscuisse risco e erotismo. Tal iniciativa de promoção de uma seguridade em práticas sexuais classificadas como dissidentes e/ou arriscadas. Como apontado por Gregori (2014, 2016), há um esforço das pessoas para agenciar regras e códigos de conduta para recorrerem ao usufruto de uma sexualidade distensora dos limites entre prazer e violência. A partir do que Maria Bertilla me conta é possível inferir como o afeto foi a principal razão que motivara o aparente fetichismo de classe.

Maria Bertilla havia saído de sua casa *por amor, por paixão*. A escolha de Maria Bertilla foi guiada com base no sentimento amoroso que nutria pelo rapaz. Foi por amor que ela tencionou os fios que conectam as esferas do público e do doméstico. Foi em decorrência desse amor que ela acabara tensionando a cisão entre prostituta e esposa. Suas experiências são marcadas por inúmeras transições entre essas duas esferas. Ela sempre esteve passeando pelos limiares, sempre recorrendo às estratégias que a margem de agência permitia naquele momento. A fuga com o amado fez com que Maria Bertilla constantemente tivesse que transitar nas zonas de transição, nos limiares. Como relembra McClintock (2010), é no limiar, na zona cinzenta e de transição, que uma situação pode vir a ser catastrófica.

### 3. MEIO

Maria Bertilla e seu marido decidiram recomeçar a vida em um distrito de uma cidade de médio porte da região centro-oeste. Ambos arranjaram empregos tidos como de baixa escolaridade, cuja remuneração era um salário mínimo. Não tardou que os esforços de ambos passassem a render frutos. Paulatinamente eles foram constituindo sua casa. Maria Bertilla não demorou muito a conseguir ser promovida em seu trabalho.

Apesar de estar progredindo neste emprego, Maria Bertilla almejava ter seu próprio negócio. Seu sonho era montar uma clínica de bronzeamento artificial. Como ela conseguiu cultivar uma boa relação com sua chefia e seus patrões, ela conseguiu negociar sua demissão para ter parte do acesso ao acerto da rescisão. Seu objetivo era aproveitar que ela e o marido estavam relativamente estabilizados e progredindo economicamente, com o dinheiro acumulado dos direitos trabalhistas, para realizar seu sonho de ser dona do seu próprio negócio.

**Maria Bertilla:** Maaaas, chegou um determinado momento quando a gente tava subindo de nível, ele já tava trabalhando por conta própria, que era um sonho, ai ele saiu do salário mínimo pra ganhar cerca de três mil reais ao mês. Eu tava prestes a fazer a mesma coisa.

Como ela mesma disse, ela e o marido estavam vivendo a vida de *família de margarina*. Ambos trabalhavam muito, e, mesmo quando ambos ganhavam um salário mínimo cada um, ela se dizia feliz. O primeiro grande problema entre o casal veio justamente quando Maria Bertilla estava prestes a realizar o sonho de ter seu próprio negócio. Seu então marido havia pego todas as suas economias e gastado com a *porra da cocaína*.

Furiosa, sem dinheiro e desempregada, Maria Bertilla decidiu que iria se vingar do marido. A forma como ela decidiu resolver os dois problemas de uma única forma foi fazer programa. Nesse momento, Maria Bertilla disse que ainda não era uma prostituta. Afinal, ela só estava fazendo programas de maneira temporária e com dois objetivos bem específicos: se vingar do marido pelo roubo de seu dinheiro – e em consequência de seu sonho – e se reerguer financeiramente em um curto período de tempo.

No começo não queriam deixar Maria Bertilla trabalhar no bordel, pois algumas pessoas conheciam seu marido. Afinal, ambos residiam em um local que as pessoas se conheciam. Ao conseguir o convencimento da pessoa que era dona do bordel, ela fez programa por dois meses. De maneira concomitante, ela havia conseguido retornar ao seu antigo trabalho, não na posição que estava ao ser promovida, mas sim, uma inferior.

Após sua vingança, ambos decidem reatar o relacionamento. Foi quase um começar do zero. A cocaína é uma substância que parece agenciar não apenas as ações de seu então marido, mas a vida de ambos como um todo. É como se *a porra do pó* fosse um botão de resetar no jogo de suas vidas. Era curioso como o olhar de Maria Bertilla ficava fumegante ao falar das recaídas do então marido. Essa postura oscilava completamente quando ela falava de outros tópicos. Como por exemplo no início de nossa conversa, que foi um momento descontraído, com direito a algumas piadas:

**Marcos Paulo** – Cê é natural de onde?

**Maria Bertilla** - São Luís no Maranhão.

Maria Dorotéia chega pra falar algo e interrompe, e ela diz: Olha a cara da Maria Bertilla, ela tá emocionada.

**Maria Bertilla** - Eu tô emocionada, gente, tô me sentindo muito global amiga. É sério, sempre quis ser artista.

Maria Bertilla respondeu a esse comentário de uma colega com a voz risonha, num clima leve e descontraído. O clima leve e alegre não era uma constante. Por vezes, dependendo do tópico, ela falava em um tom mais sóbrio e objetivo. No caso, o sentimento de *ódio* que ela dizia sentir do

ex-marido era aparente em seu olhar e na sua voz. E, se intensificava quando lembrava que uma parcela da culpa era da cocaína. Esta substância sempre estava lá, a *porra do pó*.

Não tardou muito para que seu então marido contraísse mais uma dívida em decorrência do uso de cocaína. Aproveitando que seu filho estava passando férias na casa da avó, Maria Bertilla e o marido decidiram fugir. Afinal, ambos não tinham recursos para pagar a dívida contraída com traficantes. Ela inventou uma desculpa no serviço para agilizar sua demissão, disse que sua mãe havia descoberto um problema de saúde e que por isso estava voltando para sua cidade natal. Maria Bertilla acabou deixando tudo aquilo que havia conquistado e decidiu fugir. O próximo destino de escolha do casal foi uma cidade sudestina e litorânea.

Chegando nessa cidade, ambos começaram a trabalhar em um comércio em troca de alimentação e cigarros. Eles trabalhavam e moravam no local, mas não recebiam um pagamento fixo. Com o tempo – não especificado por ela - Maria Bertilla reingressa na prostituição. É fazendo programa nessa cidade litorânea que ela passa a se reconhecer pela primeira vez como prostituta. Diferente do que acontecera na pequena cidade do centro-oeste, agora a prostituição era a principal fonte de renda da família. O ódio ao então marido também não apareceu como uma força motriz tão marcante como da primeira vez que ela realizou trabalho sexual.

Desta vez a morada do casal não foi interrompida pelo uso da droga, mas sim pela polícia. Maria Bertilla conta com um ar jocoso como o bordel em que trabalhava foi pego em uma emboscada pelas forças de repressão estatal. Alguém havia feito uma falsa denúncia que no local havia meninas com menos de dezoito (18) anos fazendo programa. Inicialmente ela foi presa, mas rapidamente foi solta. Assim como as outras garotas que trabalhavam no local, ela teve de ir embora. O casal então decide buscar abrigo em Teresina, local de residência da mãe de seu então marido.

Ao chegar em Teresina, sua então sogra recém aposentada ofereceu uma quantia de dinheiro para que Maria Bertilla pudesse realizar seu sonho de abrir uma clínica de bronzeamento artificial. Era uma quantia de R\$ 2000,00<sup>10</sup>. Apesar de generosa, era insuficiente para montar a clínica. Em decorrência disso, seu marido sugeriu que eles montassem um lava-jato com o dinheiro dado. A ideia era juntar o dinheiro para a clínica de bronzeamento através do lava-jato.

---

<sup>10</sup> Esse valor provavelmente é referente à segunda metade da década 2010. Tomando como base o cálculo da inflação entre setembro de 2017 e abril de 2024, em valores atuais, essa quantia seria de aproximadamente R\$3467,75. Este é um valor aproximado, Maria Bertilla não indicou em que mês e ano ela recebeu essa quantia. A conversão foi feita através do site do Banco Central: <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/corrigirPorIndice.do?method=corrigirPorIndice>.

Maria Bertilla disse que seu ex-marido havia *comido a sua mente* para usar o dinheiro para montar o lava-jato:

**Maria Bertilla** - Nisso a mãe dele disse assim “olha eu lembro que você perdeu o seu sonho que foi o do bronzamento então e agora eu sou aposentada e eu vou te dar de presente teu bronzamento e vou fazer um empréstimo e vou te dar o espaço.”. Aí ela fez um empréstimo de R\$2000 só que R\$2000 não dá para botar bronzamento. Mas dava para começar, para dar entrada para fazer as coisas na entrada... o que que ele faz? Comeu minha mente para eu pegar o dinheiro que a mãe dele tinha me dado para colocar o bronzamento e no lugar de colocar o bronzamento colocar um lava jato. Com os R\$2000 a gente montava o lava-jato e não ia ficar devendo nada e depois ele ia levantar o dinheiro e me daria meu bronze. E aí eu caí na dele, fui lá botei o lava-jato.

Mais uma vez, o casal estava se reerguendo economicamente. Segundo Maria Bertilla o negócio estava dando certo. Aos sábados sempre havia um pagode e a venda de petiscos e bebidas junto da lavagem de carros. Desta vez, sem acrescentar maiores detalhes, ela apenas disse o que foi que aconteceu: *aí chuta o que que ele fez? Foi cheirar né filho. A porra da cocaína! A porra da cocaína*. Era impossível não notar a raiva imiscuída com desprezo quando ela relembrava da cocaína. Junto da cocaína havia a falência econômica do casal. Em mais uma tentativa de se reerguer, o marido de Maria Bertilla passou a trabalhar como mototaxista. Neste período, Maria Bertilla ficou responsável pela manutenção doméstica. Quando, por mais uma vez, o ex-marido de Maria Bertilla gastou o dinheiro da família com cocaína, ela decidiu se separar do rapaz de uma vez por todas.

**Maria Bertilla:** Ele entrou no mototáxi e eu fiquei só em casa na época eu não tava trabalhando entrou no mototáxi tudo indo bem bom quando a gente estava se levantando de novo nesse mototáxi chuta...! cocaína de novo. Passamos altas dificuldades e aí eu me zanguiei. Eu me zanguiei.

Com a separação, a primeira saída que Maria Bertilla vislumbrou foi trabalhar como ambulante na rua. Ela optou por vender lanches no centro de Teresina, próximo de um conjunto de comércios populares. Apesar de obter relativo sucesso, ela não perdurou no local por muito tempo. Ela foi assediada, ameaçada e expulsa pelos donos de restaurantes desse conjunto. Sua segunda tentativa de trabalho informal foi vender iogurtes congelados em um feriado para tentar arrecadar algum dinheiro. A raiva pelo volume fraco de vendas fez com que ela simplesmente chutasse a caixa de isopor e deixasse todo o material derretendo no meio da rua.

Devido as tentativas frustradas de fazer dinheiro como ambulante, Maria Bertilla decide regressar à prostituição. Assim como havia feito outrora quando casada, Maria Bertilla começou a

realizar o trabalho sexual nas noites de Teresina. Foi nesse contexto que ela conheceu sua namorada, com quem estava residindo no momento em que conversamos. Enquanto Maria Bertilla realizava trabalho sexual, sua namorada era garçonete no mesmo local.

Maria Bertilla conta algumas diferenças na dinâmica da prostituição em bares e boates durante a noite, e durante o dia nas ruas. Ela relata que em boates dificilmente um cliente busca apenas o ato sexual em si. Os homens buscam diversão, alguém pra se divertir junto. Por isso, Maria Bertilla dizia ter de ser uma *gata raiada*.

**Marcos Paulo:** Eu queria saber se você tem alguma produção? Hoje você não trabalha mais a noite, hoje você só faz pista. Como você mesmo disse anteriormente, tem muita diferença da pista pro cabaré?

**Maria Bertilla:** Muita diferença da pista pro cabaré. Começando pela aparência. A noite eu estou devidamente maquiada como se eu fosse pra uma balada né. Muita maquiagem tipo balada mesmo. As roupas são mais elaboradas, estilo sei lá...um baile funk na balada mesmo, salto alto, perfume bom, e de dia eu boto uma roupa mais simples, uma sandalhinha, não coloco maquiagem no máximo um batom e não uso perfume até porque o valor não compensa gastar com perfume. Pra mim na minha concepção tá. As outras eu não sei. A maioria dos homens querem sexo na pista e eu vendo sexo enquanto eu to na pista. Eu vendo sexo, os homens as vezes querem companhia pra beber cerveja e eu não vendo. Eu não vendo isso durante o dia porquê... Porque é um valor muito baixo. O valor mínimo que eu aceito é 50,00 – 60,00. São os mínimos, mas a faixa é 70,00 – 80,00 – 90,00 – 100,00. Quando é de 70,00 até 100,00 e o cara me convida para fazer companhia para ele tomar uma ou duas cervejas eu ainda vou, mas pouco. Os programas de 50 a 70 não faz companhia pro cara beber, entendeu? É um sexo e... é um sexo rápido de 15 minutos porque o cara não tá tão cheirado, não tá tão tomado ele ainda. (Passa um carro de anúncio)

[...]

**Maria Bertilla:** O dia não tem produção, para o dia eu tomo cuidado de passar um protetor solar, de passar um hidratante cheiroso na pele. [...] eu passo protetor solar. Protetor facial e protetor corporal são dois tipos diferentes, por isso que esse negócio é caro. Eu faço o uso do hidratante para ele não ficar craquelado e também pra dar cheiro porque eu dispenso perfume durante o dia por vários motivos: O motivo número um que dia é barato; Motivo número dois: Perfume é forte e me dá dor de cabeça. O motivo número três é que durante o dia eles estão indo e vindo do trabalho e eles não vão passar em casa então não é bom ficar cheiro de perfume neles. Então por esses motivos eu não uso perfume durante o dia. Aí eu uso só protetor solar, hidratante, desodorante. No rosto só batom, não boto lápis de olho, não boto rímel, nada, nada. Só batom e as unhas feitas sempre. Toma cuidado de as unhas ficarem feitas e o cabelo retocado a tinta né? E eu tomo cuidado de mexer com a aparência, roupa simplesinha chamando a atenção, curta, mostrando o bundão, periquito, só isso, tomar esses cuidados.

Para Maria Bertilla ser prostituta à noite é mais lucrativo, todavia, mais trabalhoso. Os clientes não buscam apenas sexo comercial, mas também diversão e companhia. Nesse pacote, está incluso a companhia para beber e fazer uso de alguns entorpecentes. Uma das razões que fez com que Maria Bertilla deixasse de trabalhar a noite foi o desgaste físico. O uso de álcool e drogas é uma das substâncias que compõem este corpo usado na prostituição. *Seu corpo havia cansado:*

**Maria Bertilla:** (...) começou a me fazer mal eu cheguei a desmaiar na porta da boate, inclusive agora no próximo mês eu vou fazer uma bateria de exames devido a esse desmaio. (...) eu tomava doses e doses e doses incontáveis de Whisky e era para mais de 10 baseados. Aí com quatro desmaiei. Com quatro [baseados] e uma dose, aí eu me assustei.

Um corpo composto por inúmeros objetos, grafismos e substâncias. Inicialmente, em uma pesquisa anterior, argumentei que este corpo produzido para a prostituição era momentâneo e arbitrava os limites entre o trabalho prostitucional e a família das prostitutas (Figueiredo, 2020). Já em uma pesquisa posterior, pude perceber como esses limites eram praticamente inexistentes. Por mais que a corporalidade expressa na prostituição tivesse diferenças substanciais em outros segmentos da vida daquelas mulheres a separação rígida entre o público e o doméstico era praticamente inexistente (Figueiredo, 2021).

Diferente de outras mulheres com quem conversei no local, Maria Bertilla disse que não se apaixonava ou se enamorava dos clientes. Ela, obviamente, se propunha a sair e se divertir com eles, sendo uma *gata raiada*. O que não significava que ela abriria alguma brecha para algo que envolvesse um afeto amoroso. Ela afirmava que jamais procuraria um rapaz que frequentasse bordel, seu desejo, era um *homem da sociedade*. A figura masculina a qual Maria Bertilla se refere não remonta apenas ao ideal de virilidade, um traço essencial para a construção de uma masculinidade hegemônica. Não que a idealização de uma masculinidade enquadrada na gramática cultural vigente não estivesse ali presente. A partir das palavras de Maria Bertilla, pode-se inferir que a figura de *um homem da sociedade* remonta um rapaz que seja zeloso e provedor, carinhoso e companheiro. Características não cultivadas por seu ex-marido e seus clientes. E mesmo que algum cliente pensasse em transgredir essa fronteira, a própria Maria Bertilla já o afastava:

**Maria Bertilla:** Mesmo quando eu tava mais empolgada, eu não me apaixonava. Eu era fria. Eu era quente na cama, no sexo, mas... mas para o negócio de paixãozinha... [fala com desdém]. E aí eles vinham querer pagar de apaixonado! [ela reproduziu a fala] “ai, cala a tua boca”. Já saía de perto, eu já me irritava. Eu odeio quando o homem fala que tá apaixonado. Eu perco o cliente quando ele está apaixonado. Todos que se apaixonam por mim deixam de ser meu cliente porque eu deixo de fazer

programa com eles (...) eu fico olhando para a cara deles e penso: cara... um cara que anda em cabaré eu não vou me apaixonar por ti (...) eu vou me apaixonar por um homem, entende? Um homem da sociedade. Não é tu que anda no cabaré. A mesma coisa que alguns homens pensam de algumas prostitutas eu penso sobre os homens que andam no cabaré. Para mim, eles servem tanto para mim, quanto eu sirvo para eles.

*Eu quero um homem da sociedade...* A primeira vez que eu ouvi essa frase cai na tentação de logo apontar esse aspecto como contradição pura e simples. Quase como um pastiche da frase de Paulo Freire tão usada como jargão político nos dias atuais: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”. Olhar por essa ótica é demasiado simplista para pensar não apenas o relato deste artigo, mas o próprio fenômeno da prostituição em si. É mais pertinente um olhar aprofundado sobre quais os elementos constituem e são constituídos por essas contradições.

#### 4. FIM

É curioso notar como a própria Maria Bertilla organizou o seu relato em três temporalidades distintas: começo, meio e fim. Não é possível precisar totalmente o porquê dessa escolha de organização. Contudo, é possível inferir uma possibilidade. No nosso primeiro contato, me apresentei para Maria Bertilla como um estudante da universidade que estava fazendo uma pesquisa sobre prostituição. Logo, já estava implícito que a prostituição iria constituir boa parte da tônica da nossa conversa.

Imaginemos que eu tivesse conhecido a Maria Bertilla em outro contexto e com uma outra temática de pesquisa. Se tivéssemos nos encontrado em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) e estivesse fazendo uma pesquisa sobre violência intrafamiliar, talvez ela tivesse elaborado seu relato de outra forma. Talvez ela nem falasse que trabalhava na prostituição. Mas com toda certeza, a violência patrimonial que seu ex-marido perpetrava, iria ser uma constante. Caso eu estivesse conduzindo uma pesquisa sobre relações conjugais e recasamento entre mulheres e tivesse encontrado Maria Bertilla em alguma espécie de grupo de auto ajuda as informações apareceriam de forma distinta. Talvez nesse cenário, ela iria elencar quais as características que ela procura em homens e mulheres que sejam tidos como bons pretendentes para a constituição de um novo casório. Todavia, a relação com o ex-marido teria um peso substancial em seu relato.

O que os dois cenários hipotéticos livremente especulados e o cenário em que a pesquisa realmente ocorreu têm em comum é a importância de seu ex-marido e do casamento. Maria Bertilla atribui ao ex-marido o seu ingresso na prostituição. Quando ela me diz que me contou, inclusive, “o

fim”, ela não está falando do final de sua vida. Ela está falando do “fim” de um relato em que ela conta sobre o seu percurso e o seu corpo, que naquele momento, estavam inseridos no trabalho sexual.

**Maria Bertilla:** tu já tinha visto algum depoimento assim?

**Marcos Paulo:** Alguns com situações parecidas... a gente vai pegando assim... a gente vai pegando as informações no ar... a gente sempre tem que tá ligado. Tem mais alguma coisa que você quer contar?

**Maria Bertilla:** Acho que não, te contei tudo. Eu te contei começo meio e fim. É basicamente isso não tem mistério, é isso... é isso te contei como começou porque por que continuar. Acho que tudo eu te contei. Começo, meio e fim e não falta nada agora. Vai lá e faça o que eu não fiz. Termine seus estudos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato contado acima é frutífero para pensar e elucidar algumas questões sociais e culturais que perpassam o universo da prostituição e da prostituta. Há traços em comum do que ela conta com outras garotas de programa. Sejam aquelas que foram interlocutoras no mesmo campo de pesquisa, ou, em pesquisas etnográficas empreendidas em outros contextos.

Maria Bertilla teve sua vida marcada por diversas transições entre esferas aparentemente dicotômicas. Como por exemplo, aquela que distingue as moças para o casamento de outras, independentemente de serem prostitutas ou não, qualificadas para o uso apenas sexual. Outro exemplo, é a própria dicotomia do público e doméstico. Dicotomias estas que persistem apenas nas aparências. Ela sempre esteve transitando entre os limiares. Não que tais transições tenham sido simples, suas ações são dotadas de uma agência criativa. Ela rompe com sua família para criar uma nova. A todo momento, ela atravessa os limiares da vida pública e do doméstico, da Maria Bertilla prostituta e da Maria Bertilla esposa. Mesmo que ambas estivessem encarnadas em único corpo. É justamente com o intento de romper tais dicotomias que o conceito de domesticidade é frutífero para analisar as nuances da prostituição, e, quiça, dos outros serviços ofertados no trabalho sexual. Como ilustrado por Kofes (2001) e McClintock (2010), a palavra “doméstico” é referente a um local (ambiente familiar, da casa) quanto ao ato de “domesticar” (amansar, dominar, educar) outrem.

É possível inferir como o ato de “domesticar” é imbricado com o próprio trabalho de cuidado – remunerado ou não - em si. Ao dizer que a lógica do trabalho de cuidado remunerado é

frutífera para explicar o trabalho sexual não é com a intenção de transpor a lógica do serviço feito por empregadas e babás ao executado pela prostituta. Trata-se de explorar as semelhanças com o intuito de perceber os possíveis obstáculos para a regulamentação do trabalho sexual. Ambos os trabalhos envolvem uma forte fetichização contornadas de forma interseccional e fronteiras porosas entre sexo e dinheiro. Outra cruel e histórica característica comum entre o trabalho sexual e o trabalho de cuidado remunerado é a paranoia e o medo de que essas figuras façam algo absurdamente danoso para as famílias<sup>11</sup>.

O uso da sexualidade torna o processo de regulamentação do trabalho sexual ainda mais complicado. Quando falamos do trabalho de cuidado remunerado parece ser possível discutir com mais clareza as formas de regulamentação. Tal aspecto é demonstrado por Vargas (2023) em uma cooperativa de empregadas domésticas ou por Debert e Oliveira (2015) sobre a profissionalização do cuidado de idosos. Nas duas pesquisas supracitadas há relatos de lideranças e trabalhadores das respectivas categorias profissionais indicando normas quanto ao rendimento, carga horária ou necessidade de escolaridade. No interior do movimento de prostitutas também existem discussões nesse sentido, como demonstrado especialmente por Bonomi (2019) e em minha própria etnografia (Figueiredo, 2021). Só que o uso da sexualidade estigmatiza a profissão a tal ponto que cria barreiras para discutir padrões de vigilância sanitária, tempo e regimes de trabalho, licenças e a forma de pagamento. A inserção desses debates na esfera pública enfrenta resistência de parlamentares e de segmentos do movimento feminista. Todavia, a não existência de uma regulamentação satisfatória indica um descaso e um abandono quase deliberado para com as prostitutas. Seja em países abolicionistas como no Brasil (em que o crime é gerenciar uma casa de prostituição) ou proibicionistas como nos Estados Unidos (em que tanto os donos do estabelecimento e as prostitutas são imputáveis criminalmente). É necessário cada vez mais lidar com a devida maturidade e respeito com as vozes e os saberes das mulheres prostitutas.

No relato particular de Maria Bertilla é possível notar os inúmeros esforços empreendidos pela garota no intuito de domesticar alguns âmbitos constituintes de sua vida. Pensando a relação com seu ex-companheiro é possível inferir que Maria Bertilla criou e recriou mecanismos para lidar com os perigos oriundos do seu fetiche de classe, ou seja, de ser *amasiada* com um *bandido*. Na primeira vez em que seu companheiro gastou o dinheiro de ambos de forma arbitrária, Maria Bertilla viu na prostituição uma saída tanto para as dificuldades econômicas quanto para as sentimentais. Afinal, ela associa o seu ingresso na prostituição ao relacionamento com o ex-companheiro. Dentre as vezes que ela atuou na prostituição, Maria Bertilla também iniciou uma

---

<sup>11</sup> Faço referência especialmente aos trabalhos Kofes (2001), Engel (2004), Rago (2008) e Cunha (2007).

domesticação do seu próprio corpo. Há todo um manejo para que essas esferas não entrem em contato direto, apesar de estarem conectadas. No caso de Bertilla, trata-se por exemplo de não se apaixonar por um cliente, de sempre usar preservativos quando faz um programa e de não usar qualquer roupa e perfume para o trabalho sexual. Não apenas Maria Bertilla, mas outras mulheres que trabalhavam no entorno da Paissandu, faziam uso de normas e interditos corporais visando sua segurança. Por fim, há a tentativa constante de adequação, de domesticação da sua própria realidade social. Afinal, o seu ex-companheiro foi o principal empecilho para que ela conseguisse reproduzir minimamente o ideário de classe média que havia deixado para trás. Meu intuito ao apontar tal aspecto do relato de Maria Bertilla não é o de infligir algum julgamento moral ou atribuir a ela alguma culpa, mas sim, pensar como a conceituação de domesticidade ajuda a clarificar e complexificar o fenômeno da prostituição.

Por fim, é preciso destacar como o conceito de domesticidade complexifica classificações cristalizadas, perniciosas e generalizantes acerca da prostituição. O argumento de que a prostituta é uma mera vítima e que a prostituição seria o ápice da subjugação das mulheres ao patriarcado torna-se – ainda mais – insustentável. É preciso apontar que tais concepções empobrecidas e simplistas permanecem vivas no discurso de órgãos governamentais e de uma parcela do movimento feminista, especialmente do feminismo radical<sup>12</sup>. Tal discurso não possui aderência com o que foi contado por Maria Bertilla. Essa perspectiva que trata a prostituta como uma vítima passiva e frágil tampouco dialoga com outras pesquisas e produções acadêmicas acerca da prostituição feminina no Brasil. Assim, o relato de Maria Bertilla, suscita o pensar nas possibilidades de agência em contextos marcados pela desigualdade de gênero, bem como, o próprio fenômeno do trabalho sexual.

## REFERÊNCIAS

BONOMI, Carolina. “*Mulher da Vida, é preciso falar*”: um estudo do movimento organizado de trabalhadoras sexuais. Dissertação (mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2019.

BOSI, Ecléa. D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo. Companhia das Letras p. 363 – 397, 1994.

---

<sup>12</sup> As fricções e embates existentes no interior do movimento feminista quanto ao tema da prostituição é uma discussão extensa, porém, realizada exaustivamente em outras pesquisas. Como por exemplo as pesquisas de Elisiane Pasini (2000; 2005), Adriana Piscitelli (2005; 2016) e Adriely Clarindo (2020). Para uma perspectiva histórica é interessante consultar os trabalhos de Margareth Rago (2008) e Nickie Roberts (1998). Em uma pesquisa anterior (Figueiredo, 2021) teço algumas reflexões por meio da teoria social e da etnografia acerca desse imbróglgio dual que permeia a prostituição feminina.

- BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. In: *Cadernos Pagu*, v. 29, p. 91 – 109, 2007.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha.; RICOLDI, Arlene Martinez. Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. In: *Cadernos de pesquisa*, v. 39, p. 93-123, 2009.
- CARSTEN, Janet. Substance and relationality: blood in contexts. In: *Annual Review of Anthropology*, v. 40, n. 1, p. 19-35, 2011.
- CARDOSO, Elizangela Barbosa. Moças de família: códigos de sexualidade na primeira metade do século XX em Teresina/PI. *Dimensões*, n. 36, p. 31 – 54, 2016.
- CLARINDO, Adriely. Não há “ciência normal” para nós: desafios de uma putafeminista. In: *Revista Artémis*, v. 7, n. 14, p. 37 – 54, 2020.
- CONNELL, Raweyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. nVersos. São Paulo–SP, 2015.
- CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016.
- CORRÊA, Mariza. A babá de Freud e outras babás. In: *Cadernos pagu*, n. 29, p. 61-90, 2007.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. p. 378 – 418. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- DEBERT, Guita Grin; OLIVEIRA, Amanda Marques de. A profissionalização da atividade de cuidar de idosos no Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 18, p. 07 – 41, 2015.
- D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: *História das mulheres no Brasil*, v. 10, p. 223-240, 1997.
- DOUGLAS, Mary. Impureza Ritual. In: DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. p. 19 – 42. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DOUGLAS, Mary. Profanação secular. In: DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. p. 43 – 58. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DOUGLAS, Mary. Poderes e Perigos. In: DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. p. 117 – 140. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840 – 1890)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2018.

FIGUEIREDO, Marcos Paulo Magalhães. Garotas de programa em Teresina: produções do corpo no contexto da prostituição. In: *Wamon – Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM*, v.5, n.1, p. 191 – 204, 2020.

FIGUEIREDO, Marcos Paulo Magalhães. *Conflitos produzindo mulheres, mulheres produzindo casas: conexões de gênero, família e trabalho em narrativas (auto)biográficas de mulheres prostitutas*. Dissertação (mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências Humanas e Letras. Teresina, 2021.

FIGUEIREDO, Marcos Paulo Magalhães. Voltando no curso, revendo percursos: (gênero, família e trabalho a partir do relato de duas mulheres prostitutas em Teresina-PI). *Textos Nepo*, n.96, p. 01 – 20, 2024.

GARCIA, Bruna Carolina; MARCONDES, Glaucia dos Santos. As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 39, p. 01 – 23, 2022.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia. *Ponto Urbe*. In: *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n. 3, 2008.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro – latino – americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 49 – 64. Zahar. Rio de Janeiro, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro – latino – americano: ensaios, intervenções e diálogos*. p. 75 – 93. Zahar. Rio de Janeiro, 2020.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. Caetana diz não: o patriarcado perturbado. In: GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Caetana diz não: histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. p. 23 – 104. Companhia das Letras. São Paulo, 2005.

GREGORI, Maria Filomena. Prazeres perigosos: o contrato e a erotização de corpos em cenários sadomasoquistas. In: *Etnográfica*, v.19, n. 2, p. 247 – 265, 2015

GREGORI, Maria Filomena. Risco e êxtase nas práticas eróticas. *Cadernos Pagu*. n. 47, p. 424 – 444, 2016

GUIMARÃES, Nadya Araujo. A “crise do cuidado” e os cuidados na crise: refletindo a partir da experiência brasileira. In: *Sociologia & Antropologia*, v.14, p. 01 – 22, 2024.

KOFES, Maria Suely. *Mulher, Mulheres–Identidade, diferença e desigualdade na relação patroas empregadas*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

LOWENKRON, Laura. O tráfico de pessoas a partir do olhar policial: construção de uma categoria criminal e desconstrução de um problema social. In (org): PISCITELLI, Adriana; LOWENKRON, Laura. *Tráfico de pessoas e contrabando de imigrantes: entre leis, políticas e experiências*. p. 39 – 64. Campinas. Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, 2023.

- MADALOZZO, Regina; BLOFIELD, Merike. Como famílias de baixa renda em São Paulo conciliam trabalho e família?. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 25, p. 215-240, 2017.
- MARCONDES, Gláucia dos Santos. Arranjos domiciliares multigeracionais: perfil e aportes em domicílios compostos por avós e netos. In: *Anais do VII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, p. 01 – 16, 2017.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn; POLS, Jeannette. Cuidado: Colocando a prática na teoria. In: *Novos Debates*, v.9, n.1, p. 01 – 24, 2023.
- MORAES, Aparecida Fonseca. O corpo prostituído nas práticas discursivas de organizações dos direitos humanos. In: (org) GOLDENBERG, Mirian. *Corpo, envelhecimento e felicidade*. p. 199 – 230. Rio de Janeiro, 2014.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, p. 89-101, 2011.
- OLIVAR, José Miguel Nieto; GARCIA, Loreley. “Usar o corpo”: economias sexuais de mulheres jovens do litoral ao sertão do nordeste brasileiro. In: *Revista de Antropologia*, v.60, n.1, p. 140 – 164, 2017.
- PASINI, Elisiane. *Corpos em evidência, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo*. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2000.
- PASINI, Elisiane. *Os homens da vila: um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina*. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2005.
- PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. In: *Cadernos Pagu*, p. 7-23, 2005.
- PISCITELLI, Adriana. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas—novas questões conceituais. In: *Cadernos Pagu*, n. 47, p. e16475, 2016.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)*. São Paulo. Editora Paz & Terra. 2008.
- ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro. Editora Rosa dos Ventos. 1998.
- SÁ FILHO, Bernardo Pereira. *Cartografias do prazer: Boemia e prostituição em Teresina (1930 – 1970)*. Dissertação (mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências Humanas e Letras. Teresina, 2006.

SILVA, Ana Paula da; BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. Por amor, por dinheiro? Trabalho (re) produtivo, trabalho sexual e a transformação da mão de obra feminina. In: *Cadernos Pagu*, n. 50, p. e175019, 2017.

SORJ, Bila. Políticas Sociais, participação comunitária e a desprofissionalização do care. In: *Cadernos Pagu*, n. 46, p. 107 – 128, 2016.

TRONTO, Joan. An Ethic of Care. In: *American Society on Aging*, v. 22, n. 3, p. 15 – 20, 1998.

VARGAS, Júlia Batista. Louça, lençol e toalha: a intimidade limitada como repertório de demarcação na relação entre diaristas e suas clientes. In: *Ponto Urbe – Revista do núcleo de Antropologia Urbana*, v. 31, p. 01 – 20, 2023.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo. Ubu Editora, 2017.

### **Licença e Direitos:**

Repositórios e Ciência Aberta, direitos autorais de Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo, 2025, licenciado sob [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

